

# Revolução

## ORGANIZEMOS A VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA





# Revolução



PORTA-VOZ DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

## Casa roubada... Uma carta

Diz, agora... o editorial dum jornal diário a certa altura: "Para alguns componentes da junta e do movimento a revolução constituiria uma mudança de nomes bastante semelhante à realizada por Marcelo Caetano ao chamar DGS à Pide, Exâme Prévio à Censura, ANP à UN, tendo por órgão a "Época" em lugar do "Diário da Manhã". Só depois é que reconhecerem...

Quando, após o 25 de Abril, as organizações diziam isto, eram acusadas de "aventureiras", "grupelho", "esquerdistas", etc....

Agora que o inimigo esteve à porta, correm os reformistas a dizer o mesmo. Mas claro, depois de "casa roubada, trancas à porta".

Só perguntamos se vão continuar neste estilo. Se agora vão dizer que o poder e o seu aparelho é constituído todo por excelentes pessoas com excelentes intenções. Com esta tática desprevinem e desarmam. E a direita não desarma.

A crítica do poder é uma arma revolucionária. Devem usá-lo os revolucionários.

Mas aqui ficamos à espera dos elogios, da defesa, dos encômios às novas figuras em cena. Os «esquerdismos guardam-nos para depois. O pior é que para a próxima vez, se isto continua assim, não há depois.

## O PRP-BR no Barreiro

No dia 27 de Setembro o PRP-BR fez uma sessão de esclarecimento nos "Franceses", no Barreiro. E aí compareceram cerca de 500 pessoas.

Após as intervenções iniciais, o público participou largamente no debate e puseram-se problemas relacionados com a situação actual particularmente relativos ao combate ao fascismo. Ali mesmo se tratou de como organizar a manifestação do dia seguinte e do emprego de violência numa situação de resistência ao fascismo e de combate ao capitalismo. Tratou-se igualmente da Revolução Socialista e das formas de poder no futuro, debatendo-se formas de

democracia proletária no presente e no futuro.

A meio da sessão houve uma tentativa de provocação por parte de reformistas individualizados que foram rapidamente dominados pela assembleia.

Membros do P.S., presentes na assembleia, participaram no debate levantando questões e discutindo fraternalmente problemas da actualidade política, com o P.R.P.-B.R.

Ali mesmo ficou combinado perante a assembleia a realização de um debate entre todas as organizações de esquerda a realizar publicamente no Barreiro, numa data próxima a fixar.

## Uma carta

Camaradas:

Tenho recebido normalmente o jornal e genericamente tenho gostado.

Hoje queria levantar uma questão que nunca foi focada no «Revolução» — o parlamento burguês.

Focou-se outro dia num comício de uma organização da esquerda o problema das eleições e houve alguém responsável que adiantou não estar certo de haver eleições em 1975. Estou de acordo que a estratégia da nossa REVOLUÇÃO é a revolução socialista, após a instauração de um regime democrático-burguês. E estou inteiramente do vosso lado quando dizem que a organização independente dos partidos necessita de se desenvolver e coordenar simultaneamente em a necessidade dos partidos revolucionários serem um núcleo de resistência e de embate, no sentido de se fazer avançar a luta.

O parlamento burguês é um produto do desenvolvimento da história e só poderá ser eliminado quando a esquerda revolucionária, os operários e os seus aliados,

forem suficientemente fortes para promoverem a sua dissolução. Se é seguir uma linha justa lutar nos sindicatos, nas organizações autónomas de base, nos comícios, nas associações na imprensa livre, pelo objectivo que é a revolução socialista, contra o fascismo, o liberalismo e o revisionismo, parece-me importante definir qual a tática face às eleições. E onde ir buscar essa tática? A meu ver as aspirações das massas populares.

As «eleições» de 69 e 73 mostraram que as massas tinham deixado de acreditar nas eleições. Parece-me objectivamente de acordo com o movimento de massas a presença deles nos parlamentos burgueses poderá permitir um maior esclarecimento das massas atrasadas, que, e porque, esses parlamentos devem ser destruídos. Penso que só através da experiência num parlamento burguês é que as massas se convencerão que não é através dele que os seus problemas serão resolvidos.

Gostaria que me dissessem qual a vossa posição face ao problema, se é ou não cedo para que se levante a questão e quais as críticas que merece o mesmo ponto de vista.

Saudações revolucionárias.

A. G.

ESCREVE-NOS  
PARA O  
APARTADO  
N.º 4117

## DEBATE NA RÁDIO O P.C. NÃO QUER DISCUTIR COM O P.R.P.-B.R.

Dia 2 de Outubro o Rádio Clube Português fez uma mesa redonda sobre a ameaça do golpe fascista, para a qual convidou o PCP, o PPD, o PS, o MDP/CDE e o MES. A intenção do RCP de convidar a LUAR e o PRP-BR foi impedida de atingir o seu objectivo porque o PCP e o MDP/CDE não quiseram participar com estas organizações. A LUAR fez uma declaração de resposta que foi transmitida, e o PRP-BR que tomou conhecimento de tais factos apenas durante a emissão, foi ao RCP, onde fez a leitura de uma declaração de resposta. Durante a Mesa Redonda o PS deu a opinião de que estava disposto a discutir com as organizações revolucionárias protestando contra o ocorrido. O MES apenas justificou a razão de porque é que se sentava à mesma mesa com o PPD e nada disse a respeito da forçada ausência das organizações revolucionárias.

Foi a seguinte a declaração do PRP-BR:

«Tomámos conhecimento através da Rádio das posições do PC e do MDP/CDE a respeito da participação do PRP-BR na mesa redonda feita a propósito do golpe fascista.

Tentam essas organizações políticas marginalizar a esquerda revolucionária e procuram torná-la pequena à força de falarem em pequenos grupos. Efectivamente aqueles que são considerados «pequenos grupos» fizeram no próprio dia 28 uma manifestação antifascista, que desfilou nas ruas de Lisboa com cerca de 40 000 pessoas e da qual os trabalhadores do RCP foram testemunhas, porque viemos aqui apoiá-los. E temos bem presente que vimos Herberto Goulart, que acabou de falar em nome do MDP/CDE, observando, dos passeios do Marquês de Pombal a nossa manifestação.

Quer o MDP/CDE chamar pequenos grupos a esta multidão? Quer chamar pequenos grupos aos seis mil trabalhadores da Lisnave que se manifestaram em Lisboa, aos cinco mil trabalhadores da TAP que se manifestaram há oito dias.

É estranho que o MDP/CDE queira ser tão cego que não veja que quanto mais a crise avança mais cresce o número de revolucionários e mais diminui o número de reformistas. E perguntamos: onde está o MDP/CDE que se vê tão pouco? Tivemos realmente conhecimento de que fez há algumas semanas uma sessão na «Voz do Operário» sobre sindicalismo que teve 70 pessoas. Também sabemos que se o PC e o MDP/CDE estivessem no poder eliminaríamos simplesmente estas organizações.

E gostaríamos de perguntar a Jaime Serra do PC: Porque é que fala apenas na ARA e nas acções da ARA até ao 25 de Abril? Gostaríamos que respondesse quando foi a última acção da ARA. Que saibamos foi em Agosto de 72. Depois a ARA suspendeu as acções, oficialmente e por comunicado. As Brigadas Revolucionárias, é público, fizeram a última acção em Março de 74. Afinal quem é que esteve de armas na mão até ao 25 de Abril? E hoje continuamos a pensar: o capitalismo e a sua face monstruosa, o fascismo, só são vencidos pela violência. A tática reformista e eleitoralista conduzem a desastres, conduzem a casos como o do Chile.

O PC e o MDP/CDE não se sentam com o PRP-BR a discutir. Preferem ter-se sentado com o General Spínola e com o Palma Carlos, que sempre apoiaram.

Na verdade o PRP-BR ao contrário dessas organizações não sonha nem perde a cabeça com o poder. Escolhe com quem faz alianças e está disposto a ser crítico sempre que achar necessário. Desde o princípio que denunciou o papel do General Spínola, do General Galvão de Melo e de outros. Desde o princípio que alertou os trabalhadores para os fascistas que estavam no próprio Governo e não desarmou, nem iludiu os trabalhadores.

Em face da manifestação fascista do 28 de Setembro o PRP-BR organizou-se, armou-se, convocou uma contramanifestação e veio para a rua, disposto a enfrentar a reacção.

A manifestação que fez foi no próprio dia 28 e não três dias depois, quando tudo já estava resolvido. Ao PRP-BR não lhe interessa uma atitude de lisonja em relação ao MFA. Dizemos como os trabalhadores da Lisnave: apoiamos o MFA quando ele está do lado dos trabalhadores, criticamos quando está contra. Pensamos que esta é a única atitude revolucionária. E dizemos que hoje mais do que nunca é necessária a vigilância, porque a direita não dorme.

Mas, estes e outros problemas está o PRP-BR disposto a discutir publicamente com quem quer que seja incluindo o PC e o MDP/CDE. Estes é que sistematicamente se recusam a discutir como já aconteceu aqui no RCP, a respeito da lei de imprensa e noutros locais públicos como em S. Bartolomeu de Messines. Nós não temos medo de discutir. Terão eles medo?

E pensamos que isto de organização armada, greves, manifestações, não é teoria. É até muito prático.

TINHA O ÚLTIMO NÚMERO DO JORNAL "REVOLUÇÃO", ALGUNS ERROS DE MONTAGEM, ASSIM COMO NA DATA, A QUAL VINHA COMO SENDO O MÊS DE DEZEMBRO. PELO FACTO PEDIMOS DESCULPA.

DIRECTOR INTERINO: ISABEL DO CARMO

Apartado 4117 • Telefone 71 09 82 • Lisboa 4

Composição e Impressão:

Mirandela & C. • Rua Vitor Cordon, 27, 1.º • Lisboa

Distribuidora:

Internacional — Rua de S. Pedro de Alcântara, 63, 1.º — Lisboa 2

SEMANAL



# PARA QUÊ A P.S.P. E A G.N.R.?

Falou-se e continua a falar-se de democracia. A torto e a direito. A propósito disto e daquilo. A justificar o beijo e a bofetada. A pretexto louvores e calúnias.

Falou-se e continua a falar-se de democracia. Não se falou e continua a não se falar PARA QUEM.

## DUAS NOÇÕES DE DEMOCRACIA

Para uns (burgueses), democracia significa controle das massas trabalhadoras de modo a perpetuar a sua condição de explorados, a preservar o domínio da burguesia nos campos económico, social, cultural, MILITAR e político. Democracia (burguesia neste caso) significa dar, quando possível e quanto possível, uma «liberdade» controlada que, sem pôr, em risco o sistema, dê às massas trabalhadoras a ilusão de efectiva liberdade e assim as desarme na sua combatividade, assim as desmobilize na sua organização.

Ao contrário, democracia significa, para o proletariado, o aniquilamento dos instrumentos, meios e agentes de opressão burguesa. Democracia (proletária neste caso), é perfeitamente incompatível com o capitalismo, implica a socialização dos meios de produção, o exercício e controle do poder político pelo proletariado, o controle dos meios de informação por esse mesmo proletariado, a destruição do aparelho de Estado burguês e a sua substituição por um aparelho de Estado proletário.

## A IMPORTÂNCIA DO APARELHO DE ESTADO

Assume, na situação de perfeita instabilidade política que se vive, particular importância o problema do aparelho de Estado. Nele se reflecte, aliás, toda a essência de uma política (de direita ou de esquerda). Nele se espelham também todas as contradições da via reformista, entalada que está — e outra coisa não podia acontecer — entre as duas vias antagónicas e únicas possíveis.

E aqui como em todos os outros campos, urge falar-se claro, torna-se imperioso tomar medidas. E para que se seja claro, diga-se já que não tomar medidas no sentido de destruir o aparelho de Estado herdado do fascismo é, objectivamente, fazer o jogo da reacção, facilitar a tarefa àqueles que, agora mais do que nunca farão todos os esforços para preparar o golpe que não deixará de vir.

## FASCISMO — uma política de classe

E da mesma maneira que é voltando as costas ao polícia que mais depressa se leva a cacetada, também nesta situação recuar é caminhar para

o suicídio. O golpe de Sábado 28 não resultou, e em consequência várias personalidades fascistas foram presas. Só que o fascismo não é obra de meia dúzia de «maus génios», é a solução capitalista para a situação de instabilidade presente. Trata-se, portanto, de uma política de classe.

Ora a grande burguesia continua a existir, continua a ser detentora dos grandes meios de produção, dos grandes jornais diários, de grandes somas em dinheiro e de importantíssimos meios que vão desde o simples automóvel até ao avião, passando por múltiplas engrenagens por onde até armas se escoam e, como o demonstraram os últimos acontecimentos, ligações com oficiais das forças armadas.

O perigo, por conseguinte, continua a existir. Mais ainda agora do que antes, na medida em que, falhado o golpe palaciano, a reacção tentará o «forcing» de rua.

Neste contexto, assumem grande importância as forças militarizadas, e dentro destas, a GNR e a PSP, forças ultra reaccionárias com longo insumismável cadastro de opressoras dos trabalhadores.

## FASCISMO — UMA POLÍTICA DE CLASSE

Ora é inadmissível que tais forças — de profissionais, frise-se — continuem armadas, disponham mesmo de importantes meios de armamento, e lhes continuem a ser confiadas tarefas de patrulhamento e intervenção de rua.

Será por acaso que numa conversa entre conhecidos fascistas se afirmou que «o mal foi não termos desencadeado a ofensiva quando se soube que a GNR nos permanecia fiel»? Referiam-se estes «bicos» aos acontecimentos de sábado.

Recrutados, educados, treinados e pagos para exercerem quotidianamente a repressão, estes homens são um bando de mercenários institucionalizado ao serviço do capital e da reacção.

As tarefas de patrulhamento e intervenção podem e devem ser confiadas ao exército.

## A AVENTURA DA REESTRUTURAÇÃO

Pretender que a solução do problema está na sua reestruturação «física e moral», ou é ostensiva política reaccionária, ou é miopia mental que faz objectivamente o seu jogo. podem emanar-se centenas de decretos a precisar as funções da PSP e da GNR como sendo funções de vigilância contra a prática do delito comum — os burgueses raramente os cometem porque são protegidos por uma lei e um sistema que oficializa a exploração do homem pelo homem — podem decretar-se mil e uma normas que proíbam à GNR e à PSP a intervenção em motins ou manifestações políticas, pode

fazer-se tudo isto e muito mais. Mas é óbvio que nada disto evita que sejam utilizadas na protecção de fascistas (Campo Pequeno na noite de 27), que ocupem as estações de Rádio e TV (idem), que intervenham com todas as suas armas e bagagens contra todos os trabalhadores, à semelhança do que por múltiplas vezes aconteceu.

Ter contemplações para com a GNR e a PSP é uma das facetas do idealismo de quem constrói castelos de areia onde devia edificar em granito, do aventureirismo que traz amargos de boca inevitáveis e

implacáveis. É; pois; necessário denunciar o reformismo; sob pena de aqui como no Chile, caminhar para a instauração brutal e sangrenta do fascismo.

A vigilância revolucionária deve ser obra dos próprios trabalhadores.

Desmascarar a aventura reformista e idealista é condição necessária para evitar a repetição do Chile em Portugal.

Impôr o desarmamento e destruição da PSP e da GNR é das tarefas prioritárias da vigilância revolucionária.

CABEMOS COM A PSP E A GNR  
DESARMEMOS A PSP E A GNR  
ACABEMOS COM AS FORÇAS PROFISSIONAIS ARMADAS  
RECUAR É MORRER  
A OFENSIVA É A ÚNICA DEFESA POSSIVEL

## REVOLUÇÃO

Vocês estão euganais, eu não apareci na noite de 28 porque aproveitei para limpar a caçadeira com um amfios.

Então não era verdade que a abertura da caça era para ser no próximo domingo. Ora aí está porque eu me dei ao Trabalho de limpar o ferrinho.

Agora vem dizer que não podemos ir à caça porque os patrões nos querem caçar a todos.

Oh, malta <sup>cada</sup> ~~vez~~ ~~me~~ convence mais que ~~armas~~ ou nós os caçamos a eles ou o homem do olho de vidro nos caça a todos em nome deles.

E então aqueles que se intitulam os "verdadeiros amigos do povo" (os cor de rosa) viram as costas definitivamente ao povo, porque eles estão cada vez mais "compunidos" e foi falar que no próximo aperto não são apanhados desprezíveis — vão comprar um submarino para se proem ao fresco (e isto porque não sabem nadar...)

\* Quer dizer não apareci no último jornal da Revolução, no número 14, estão a perceber... naquele que trazia Dezembro eu vou de Setembro!





# OS TRABALHADORES

## BAIXA DA BANHEIRA um exemplo de vigilância

A propósito dos acontecimentos ocorridos na Baixa da Banheira, a partir do dia 28, deslocámo-nos aquela vila e falámos com um elemento envolvido no processo.

**REVOLUÇÃO** — Gostávamos que nos dissesse como começou tudo?

R. — Foi depois da malta ter formado os piquetes, que houve a ideia, como nós não tínhamos informações concretas do que se estava a passar, houve a ideia de organizar a resistência popular. Falava-se de sectores do exército que não estavam a aderir ao MFA, falava-se de GNR na rua, falava-se na ocupação das emissoras, a ideia que a malta tinha aqui por falta de informação era de que se precisava de organizar a resistência popular e então pensou-se no assalto à espingardaria, e no assalto à GNR. A primeira tentativa, como não foi bastante bem discutida, redundou num certo fracasso, devido a

diversas opiniões que surgiram, dado que uns queriam desarmar a GNR e outros não. Voltámos então aos piquetes para discutir a decisão a tomar. Decidimos e fizemos uma pequena assembleia com toda a malta, e fomos para o posto da GNR tendo dito aos guardas que a população com as provas que tem dado através dos tempos não tinha confiança na mesma.

**REVOLUÇÃO** — E qual foi a reacção deles?

R. — Os gajos cederam sem qualquer tentativa de resistência, a malta fechou-os num quarto, fechou as armas noutro e ficaram com a chave até dois dias depois.

**REVOLUÇÃO** — Qual foi a posição tomada pelas autoridades militares aqui da zona, nomeadamente dos fuzileiros?

R. — Foi lá um tenente vindo do Barreiro que disse que aquilo não podia continuar, dado que era uma ocupação a um quartel. A malta

protestou e então apareceram os fuzileiros, decidiu-se fechar o posto e mandar os guardas embora. Depois de contactado o comandante da EFN (Escola de Fuzileiros Navais) fez-se numa colectividade da vila uma assembleia popular para se escolherem milícias que, iriam substituir a GNR.

**REVOLUÇÃO** — E como é que foi feita a eleição dos elementos que constituíram a primeira milícia?

R. — Foram nomeados e votados um a um pelo sistema de levantar os braços.

**REVOLUÇÃO** — Mas foram nomeados por quem?

R. — A malta individualmente votou num habitante da vila que pudesse preencher o lugar para onde ia ser votado, e aqui surgiram problemas dado que se moveram influências levantadas pelos partidos, compreendos: A eterna guerra dos partidos.

**REVOLUÇÃO** — Vocês sabem

que a vossa posição teve repercussões a nível nacional e houve tentativas de se fazer o mesmo noutras localidades?

R. — A malta sabia que o processo estava a ser discutido fora daqui como um exemplo de luta que foi, e não há dúvida que foi das tais acções exemplares que ficam nas massas, e isso ainda encorajou mais a malta dado que nos sentíamos encorajados, e como era correcta a nossa actuação era natural que pretendesse fazer o mesmo noutras locais.

**REVOLUÇÃO** — E neste momento como é que isto se encontra?

R. — A GNR está neutralizada e a vigilância anti-fascista está a ser feita pelas milícias populares ou melhor pelos chamados cabos de vigilância, que patrulham as ruas à noite.

**REVOLUÇÃO** — O que nos parece que é perfeitamente legal!

R. — Pois é legal, eles inclusivamente têm autorização para revistarem casas que pareçam suspeitas, e claro, andam armados.

**REVOLUÇÃO** — E o problema, de pessoas que nunca mexeram em

R. — Pois há esse problema, mas essas pessoas vão ser instruídas na Escola de Fuzileiros, mas na sua maioria a malta já passou pela tropa e sabe alguma coisa.

**REVOLUÇÃO** — Qual é a reacção da população a tudo isto?

R. — Pois a população reagiu bem na assembleia popular e mostra uma aderência total, acarinha e a isso não é estranho o passado de luta de todas as pessoas que pertencem às milícias.

**REVOLUÇÃO** — Quantas pessoas pertencem às milícias e como se solucionou o problema dos empregos?

R. — São 13 os elementos efectivos e 6 suplentes e em relação aos empregos isso é importante porque eles têm todas as regalias, como por exemplo, os delegados sindicais, podem faltar que são remunerados.

**REVOLUÇÃO** — Queres dizer mais qualquer coisa?

R. — Sim, a malta pensa criar grupos de apoio às milícias, e ter ligações com as massas através de assembleias onde se vão discutir os problemas locais.

Secção do Barreiro do PRP-BR

## 28-9-74 GRANDE MANIFESTAÇÃO

# OS TRABALHADORES SAIRAM A RUA

Realizou-se em Lisboa no dia 28 uma grande manifestação antifascista, em oposição à manifestação da «maioria silenciosa».

Perante a eminência da manifestação fascista, que estava incluída numa série de actos da reacção tendentes a restaurar um regime de extrema-direita, comissões de trabalhadores e organizações revolucionárias resolveram levar a cabo uma contra-manifestação. Esta resolução, que decorreu em reuniões dos dias 26 e 27, tinha como objectivo o confronto e o desmantelamento da manifestação fascista, no caso de esta se realizar. Foi portanto por iniciativa simultânea das comissões de trabalhadores e de organizações revolucionárias que se realizou esta manifestação.

As organizações que a convocaram e participaram na sua realização foram as CBS, os CICs, a LCI, a «Verdade», a URML e o PRP/BR.

Os revolucionários entenderam que não deviam deixar que a extrema-direita estivesse à solta na rua, ganhando força e terreno. Foi para enfrentar o inimigo fascista que esta manifestação foi convocada e organizada.

Os acontecimentos da madrugada de 28 vieram transformar a projectada contra-manifestação numa grande jornada antifascista, enquanto o fascismo perdia esta batalha.

As comissões de trabalhadores, ligadas a várias empresas — TAP, Lisnave, CTT, Efacoc, etc. — convocaram os manifestantes para as 14 horas no Terreiro do Paço, onde se concentraram. As pessoas convocadas pelas organizações concentraram-se no Largo de Alcântara às 15 horas; daqui partiram para o Terreiro do Paço, passando por Santos e pela Rua do Arsenal. Quando esta parte da manifestação chegou ao Terreiro do Paço, os trabalhadores puseram-se à frente da organização, segundo o plano previamente distribuído, conjugando os seus serviços de ordem com os serviços de ordem das organizações presentes. A partir daí a manifestação foi feita sem bandeiras, dado o carácter unitário com que decorria.

A ela se foi juntando a população que estava nas ruas, num sentimento profundamente antifascista.

Saindo do Terreiro do Paço o desfile percorreu a Rua da Prata, Praça da Figueira, Restauradores, Avenida da Liberdade, Marquês de Pombal, Joaquim António de Aguiar, Penitenciária, Rua Sampaio Pina, Rua Castilho, Rua Alexandre Herculano, Largo do Rato, Rua de S. Bento, S. Bento, onde chegou às 20.30 horas.

Ao passar pela Casa de Moçambique, a manifestação

gritou para camaradas presentes nas janelas: FRELIMO, FRELIMO!

Diante da Penitenciária, a multidão, que devia atingir então cerca de 40 000 pessoas, estendeu-se num largo espaço, que ocupava toda a Rua Castilho e gritou: «MORTE À PIDE! MORTE À PIDE!»

Junto das instalações do Rádio Clube Português os manifestantes pararam de novo, estendendo-se dum lado até à Rua Castilho e do outro ocupando parte da Rua de Artilharia 1. Ai os trabalhadores do R.C.P. vieram à janela do edifício, então ocupado pela GNR, levantaram o punho para a multidão e todos gritavam: ABAIXO O FASCISMO, ABAIXO O FASCISMO!

Ao longo da manifestação, as palavras de ordem foram, além das citadas, as seguintes: «ABAIXO O CAPITALISMO, ABAIXO O FASCISMO!», «GOVERNO POPULAR SIM, GOVERNO DOS PATRÕES NÃO», «MORTE À PIDE, JUSTIÇA POPULAR», «GREVE SIM; LOCK OUT NÃO», «CLASSE OPERÁRIA VENCERÁ».

A dada altura do percurso surgiu uma manifestação de algumas centenas de pessoas, com a bandeira do MRPP, que pretendiam incorporar-se. O serviço de ordem pôs então a condição de que as bandeiras dessa organização fossem retiradas, tal como acontecera com as outras. Como os organizadores dessa segunda manifestação não estiveram de acordo, foram impedidos de se incorporar.

Em S. Bento, diante do Palácio, tomaram a palavra alguns trabalhadores de empresas em luta e ouviu-se o slogan: «CTT VENCERÃO».

Com esta manifestação os trabalhadores em luta e os revolucionários mostraram que são capazes de vir para a rua enfrentar o inimigo. Além do mais era claro aos olhos de toda a gente que os manifestantes se faziam acompanhar de matracas, esperando o que desse e viesse, num gesto de iniciativa que se enquadrava na violência revolucionária. Mostraram ainda que não são «grupelhos», nem «minorias», nem «aventureiros», como alguns dizem, mas são sim, pelos menos, umas dezenas de milhar.

Mostraram que eram capazes de vir para a rua enfrentar os fascistas, quando o momento era de surpresa, ninguém sabendo o que se ia passar, traçando assim uma linha clara entre os que procederam assim e os que não procederam, o que está de acordo com o ter ou não fidelidade à classe operária.

# ERAM

Eram 300 as pessoas (e que pessoas) que deviam estar presentes num hotel (e que hotel) de Lisboa para, na noite de domingo (e que domingo), confraternizarem a pretexto de um jantar (e que jantar).

Trezentas pessoas de "papillon" e "jupe-longue", 300 pessoas dos hipismos e touradas, enfim, 300 pessoas barulhentas que pertenciam à "maioria silenciosa".

Um hotel que tem na fachada a palavra Sheraton e nas acções as letras ITT.

Num domingo que se seguiu a um célebre sábado das "maiorias silenciosas".

Num jantar que se diz ter sido preparado para festejar a vitória do golpe silencioso.

E como o silêncio não levou a melhor, faltaram ao jantar alguns convivas, naturalmente as personalidades mais em evidência. Quem não desistiu da lagosta e do caviar foi o Galvão de Melo. Galá como sempre, hirtó, senhor do seu nariz, o sujeito ali estava. Só que neste país já há muito quem tenha aberto os olhos e... viu Galvão.

E logo se começou a aglomerarem-se populares frente ao dito Sheraton. Breve, havia na entrada do hotel centenas de pessoas. E como o número não cessava de crescer, e o alvo fosse o Galvão, logo apareceu uma força (pequena) militar para proteger a saída de Galvão.

A ira popular crescia: "Galvão para a prisão", "Morte à CIA", "Os pides morrem na rua", etc., etc.

Alguns dos oficiais pretendem dialogar com a multidão para conseguirem a retirada. Mas logo um oficial o tratava de General, logo um chorrião de protestos se fazia ouvir: "General, não! Fascista, bandido!". Ao fim de muitas tentativas conseguem abrir um corredor estreito que daria passagem ao Galvão desde a porta do Sheraton até à porta do automóvel (um Volkswagen do exército). E eis que



# SAIRAM À RUA

## O QUE DISSERAM OS JORNAIS SOBRE A MANIFESTAÇÃO

O "Expresso" e a "Capital" descrevem-na tal como foi, dizem a que organizações correspondem e publicam fotografia.

O "Diário Popular" descreve-a tal como foi e a que é que correspondem.

O "Século" descreve-a justamente, mas empurra-a para o canto da última página. Para um jornal como o "Século" não é nada mau!

O "Diário de Lisboa" e o "Diário de Notícias" citam-na de passagem e dizem que foi uma manifestação de apoio ao MFA. Convém que os jornalistas informem bem, que vão à rua, que vigiem! E que nem se falou em MFA!

A "República" desconheceu a existência de tal manifestação.

# 300...

surge o Galvão acompanhado da mulher, visivelmente assustados com a recepção

E sob um ruído ensurdecedor de gritos ("assassino", "fascista", "bandido", "cioso", etc.), sob uma tremenda agitação de gestos ameaçadores, o Galvão não tem coragem para entrar no automóvel, pára, hesita, atropalhado e acaba por fugir para dentro do hotel, onde dirá: "Esta vida é uma chatice".

A discussão entre oficiais e civis continuaria. Um oficial diz que o veio "buscar" e que tinha que o levar inteiro, mas como se recusasse a dizer claramente e perante toda a gente que o Galvão ia PRESO, alguém lhe fez a contra proposta: "vai mas compromete-se a que o carro vá suficientemente devagar para que o possamos seguir". NÃO HOUVE RESPOSTA.

Ou melhor, a resposta surgiria bastantes horas depois — cerca das 6 horas da manhã — quando sete ou oito "chaimites" surgem no local para levar o general e a mulher. E logo que os "chaimites" assomam, logo se grita em coro o que antes se havia gritado e mais; "Galvão para o caixão", "CIA Galvão para o caixão", etc...

O Galvão sai, e encafua-se numa "chaimite" que parte logo seguida por cerca de duas centenas de automóveis, na direcção da Academia Militar.

O Galvão não terá tido tempo para fazer a digestão. Mas não teve, tanto quanto se sabe, o prémio desejado e merecido: A PRISÃO.

No momento em que escrevemos não é conhecido o destino de Galvão de Melo. Não admira já que muito pouca coisa se sabe daquilo e daqueles que se manifestaram silenciosamente...

Apenas se tem como certo que os "silenciosos" voltarão e voltarão tanto mais depressa e com tanta mais força, quanto mais compreensivo se for para com eles, fascistas.

### "POVO ARMADO JAMAIS SERÁ DERRUBADO"

Em Beja, uma multidão manifestou-se no dia 29, ao som das palavras de ordem: "Abaixo o Capitalismo", "Revolução Socialista", "Povo armado, jamais será derrubado".

### EM SETÚBAL, UMA SEDE ASSALTADA

Em Setúbal, militantes e simpatizantes de várias organizações políticas acompanhados pela população, organizaram-se conjuntamente para as barricadas nas estradas, para os assaltos a sedes fascistas. É deste modo que a sede do Partido Liberal é assaltada pelos antifascistas.

### MAS NO PORTO ISTO FOI IMPOSSÍVEL

A mesma intenção tiveram os democratas do Porto em relação à sede do Partido do Progresso. Mas quando a população avançava para invadir estas instalações, a PSP protegeu a entrada e os antifascistas apenas puderam partir os vidros das janelas.

### ARMADOS DE CAÇADEIRAS

Os democratas de Arcos de Valdevez (Viana do Castelo) foram como muitos outros constituir barragens nas estradas. Mas foram armados, dispostos a resistir da única maneira possível — de armas na mão.

Recorrendo ao que tinham, os antifascistas de Arcos de Valdevez foram para a estrada de espingardas caçadeiras. E aí estiveram, desta vez sem ter de as usar.

### MACHADO À SOLTA

Afinal os trabalhadores do «Jornal do Comércio» tinham razão... O Sr. Machado, que eles queriam ver saneado, tinha suficientes culpas no cartório para fugir quando as prisões dos fascistas começaram. Vale a pena os trabalhadores baterem-se quando pensam que têm razão. Mesmo que contra eles batalhem «fura-greves» de todas as cores.

### ARTUR AGOSTINHO NA GRELHA

Agora é que Mário Castrim, aguerrido crítico para tudo quanto é revolucionário e luta dos trabalhadores, ficou doente. Então o seu querido Artur Agostinho foi dentro! O profissional distintíssimo, por cuja reabilitação ele se batia nas páginas do «Diário de Lisboa», passou do rectângulo da T. V. para o rectângulo das grades! As mesmas grades onde ajudou a meter muitos...

Como é que ele o há-de reabilitar agora?

### DA DIREITA PARA A ESQUERDA É SEMPRE «MINORIA»

Diz Champalimaud numa entrevista ultra-reaccionária concedida ao «Figaro», tratando do problema português: «... a minoria às ordens de Moscovo é um assunto de grande actualidade».

Para ele o P. C. português é minoria. Tal como para o P. C. a esquerda revolucionária é «minoria».

Da direita para a esquerda usam sempre a técnica de dizer que é pequeno, para ver se a realidade se adapta aos seus desejos.

# OS ACONTECIMENTOS

19 de Setembro — Cartaz da "maioria silenciosa". Colagem apoiada por comandos. Nos dias que se seguem:

Almeida Bruno apoia Spínola.  
Costa Gomes apoia o Governo Provisório contra a manifestação.

Otelo Saraiva de Carvalho apoia o Governo Provisório contra a manifestação.

26 de Setembro — manhã — Concurso Hípico.  
Quinta-feira — presença de Spínola e de Galvão de Melo.  
— Tarde — distribuição de panfletos fascistas — 1 milhão.  
— Noite — tourada no Campo Pequeno.  
Champalimaud compra meia praça.  
Presença de Spínola e Vasco Gonçalves.  
Afrontamento à saída entre fascistas e democratas.

27 de Setembro — Reunião do Conselho de Ministros.  
Sexta-feira — Comunicado escrito por Sanches Osório aceitando a manifestação.

— 20 horas — Começam a formar-se as primeiras barragens nas entradas de Lisboa.

28 de Setembro — 1 hora — Ocupada pela GNR a Rádio Renascença e a TV.

Rajada de metralhadora na E. N.  
O R. C. P. mantém-se com "tropas fiéis" até às três horas; a essa hora substituição das forças do COPCON pela GNR.

Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho são detidos em Belém.

Durante toda a noite é lido o comunicado de Sanches Osório permitindo a manifestação da "maioria silenciosa".

— 3 horas — 4 horas — Decisão do MFA de aprisionamento de fascistas.

Fuzileiros Navais ocupam a penitenciária para prevenir a saída dos pidos.

A situação começa a mudar de sentido.

— 8 horas — Um Sargento pede a Melo Antunes que explique ao país a situação (conferir "Século").

8,30 horas — Comunicado do MFA, proibindo a manifestação da "maioria silenciosa".

11 horas — Costa Gomes vai de helicóptero a Belém.

14 horas — Os trabalhadores convocados pelas comissões de trabalhadores concentram-se no Terreiro do Paço.

15 horas — Concentração das organizações revolucionárias em Alcântara: LCI, "A Verdade", AEPP, URML, CICS, PRP-BR, GAPS.

Grande manifestação nas ruas de Lisboa com os trabalhadores e com estas organizações.

18,30 horas — Oficiais da Força Aérea e Caçadores 5 tomam o Rádio Clube Português.

20,30 horas — A manifestação chega a S. Bento.

29 de Setembro — Comunicado de Vasco Gonçalves.

Domingo — Galvão de Melo janta no Sheraton.

30 de Setembro — 6 horas — Galvão de Melo vai finalmente sob custódia para o COPCON, sob os apuros da multidão.

Segunda-feira — 11 horas — Demissão de Spínola — comunicado ao país.

Conferência de imprensa de Vasco Gonçalves.

Discurso de Costa Gomes — Presidente da República.

— Noite — Manifestação de apoio ao MFA em S. Bento — P. C., P. S., MES, e LUAR.





# VIGILÂNCIA POPULAR REVOLUCIONÁRIA

## UM COMUNICADO

A reacção, com a sua manifestação-golpe de estado, perdeu uma batalha. A luta política neste momento, centrada num desmantelamento da conspiração reaccionária fascista, passa necessariamente pelo combate implacável ao seu chefe Spínola.

Em Julho, era já em Spínola que a escória confiava, ao propor através de Palma Carlos representante notório do grande capital, a eleição antecipada do presidente da República e o adiamento das eleições gerais, o que correspondia na prática a dar a Spínola plenos poderes por um prazo de dois anos.

Agora, é o mesmo Spínola, apoiado pelas forças mais reaccionárias do exército e por toda a escória fascista da (maioria silenciosa), a tentar o seu segundo golpe de estado. Aproveitando uma manifestação ultra-reaccionária pretendeu reforçar a sua posição política, assumir todos os poderes para esmagar as forças populares e revolucionárias, desembarcar-se dos oficiais democratas mais consequentes, e abrir caminho a um regime autoritário, um regime de repressão terrorista sobre as massas populares.

Que as suas intenções eram estas prova-o a sua desesperada tentativa de prolongar ainda o estado de sítio no Conselho de Estado da manhã de sábado — tentativa tornada já impossível pelas vitórias conquistadas na rua pelas massas populares.

Porque as massas trabalhadoras expressa se aperceberam da verdadeira face da manobra de Spínola. A sua clara visão do momento político foi bem demonstrada pelo grande movimento de acção e vigilância populares que liquidaram numa noite o avanço da manifestação fascista e prepararam o terreno à intervenção final dos elementos mais progressistas do MFA.

Mas Spínola, derrotado pelo vigoroso movimento antifascista, não desiste e no seu discurso de «resignação», verdadeira agressão ideológica de reaccionarismo, lança-se na mais desavergonhada via da conspiração. Spínola tira definitivamente a máscara de democrata e assume o seu papel de mentor ideológico e verdadeiro chefe das forças reaccionárias, incitando à revolta e à acção a «maioria silenciosa», num desesperado apelo à contra-revolução.

### O GOLPE DE SPÍNOLA

Quem andou a deitar poeira nos olhos do povo, dizendo que o nome de Spínola era usado abusivamente pelos reaccionários fascistas que convocaram a manifestação da «maioria silenciosa»?

Hoje são claros os contornos dessa conspiração fascista na qual Spínola estava enterrado até às orelhas. A coberto da manifestação, Spínola maquinava um golpe de força com o fim de assumir poderes ditatoriais mesmo que, para isso, «fosse preciso pôr as ruas da cor dos cravos», segundo a palavra de ordem que deu aos paraquedistas de Tancos, numa das reuniões que teve naquela unidade.

Em 18 de Julho, no discurso de posse do segundo Governo Provisório, Spínola lançou o

primeiro apelo à «maioria silenciosa». Disse então: «A maioria silenciosa tem de acordar e tomar a defesa da sua liberdade».

Obedecendo ao sinal do chefe, os partidos das direitas e a imprensa reaccionária fascista lançam ataques miseráveis contra os princípios da democracia, da liberdade e dos direitos das classes trabalhadoras.

Ao mesmo tempo, Spínola tenta calar a imprensa que publica as coisas que ele não quer que se saibam: as lutas dos soldados contra a guerra e a bestialidade da disciplina militarista; as greves, manifestações e lutas dos trabalhadores. Foi por sua ordem directa que foram suspensos «A República», o «Diário de Lisboa» e a «Capital», bem como o «Luta Popular» suspenso indefinidamente. Mais recentemente, o jornal «O Proletário Vermelho» foi também suspenso, por ter dito as verdades sobre as reais intenções de Spínola.

A arrogância e o à vontade dos fascistas redobrarão com as facilidades que lhes são concedidas. Desde a ida de Marcelo e Tomás para o Brasil, que já se sabia que havia cumplicidade entre aqueles que encetavam os primeiros esforços para restaurar o fascismo e altas individualidades do aparelho de Estado. Mas isso tornou-se claro aos olhos de toda a gente com o tratamento de favor dispensado aos pides amotinados, legionários e outros bufos. Depois, vem a libertação de Elmano Alves, Silva Cunha, Moreira Baptista, etc., agora de novo presos por estarem implicados na conspiração.

Depois do encontro com Nixon nos Açores, o General Walters, subdirector da CIA, é convidado a vir a Portugal onde tem contactos com os meios políticos próximos de Spínola.

Em 10 de Setembro, no seu discurso sobre a independência da Guiné, de novo Spínola incita a «maioria silenciosa». Diz ele: «A maioria silenciosa do povo português terá de despertar e de se defender activamente».

E toda a escumalha da sociedade portuguesa se mexe, organiza e arma para marchar sobre Lisboa.

Cada vez mais os reaccionários e os fascistas reconhecem em Spínola o seu chefe, o homem que diz aquilo que eles querem ouvir.

Surge a «grande manifestação da maioria silenciosa», imediatamente denunciada pelos trabalhadores dos jornais e emissores e por todas as organizações democráticas como uma manobra dos reaccionários com vista à restauração do fascismo. Perante isto, qual foi a atitude de Spínola? Até à última, até à altura da sua demissão, demonstrou que estava de acordo com os objectivos da manifestação. Na quinta-feira, foi encorajar e fazer-se aplaudir pela fina flor dos reaccionários, nas corridas de cavalos do Campo Grande. No mesmo dia à noite, quando já era público que os reaccionários, iriam em força à taurada do Campo

Pequeno, o Spínola aparece na praça a dar ânimo aos seus apaniguados e a mostrar-lhes que o caminho estava aberto e podiam contar com ele.

tentativa de aniquilar o MPLA, único e legítimo representante do povo de Angola, Spínola é mais uma vez o chefe desejado para uma burguesia reaccionária e colonialista

ameaça fascista. E cabe aos elementos progressistas do MFA apoiar as acções das massas, como os trabalhadores da LISNAVE, diremos: «Estamos com as forças armadas sempre que estas estejam ao lado das classes oprimidas e exploradas contra as classes opressoras e exploradoras».

Spínola foi apeado do poder. É o momento de o combater como chefe político da reacção, parceiro dos fascistas seqüiosos de vingança. É o momento de organizar, por todas as formas, a luta contra a ofensiva fascista dos patrões, generais, e da CIA.

Esta é a tarefa política imediata. O nosso combate contra a exploração capitalista e contra a ofensiva fascista, passa necessariamente pela luta, no terreno político, que conduza ao esmagamento do chefe político da reacção, assim como a adopção de medidas que golpeiem o poder militar, político e económico da reacção.

A vigilância revolucionária tem de ser montada e exercida com todo o vigor, tendo como ponta de lança a acção autónoma e organizada das massas.

A vigilância revolucionária tem de ser montada em toda a parte nas fábricas e nos quartéis, nos bancos, nos serviços públicos, nos escritórios, nos bairros, nos hotéis, nas prisões.

A vigilância revolucionária tem de ser montada com particular atenção nos meios militares.

Spínola e fascistas têm de ser esmagados!

A reacção tem de ser calada. Não há liberdade para os inimigos da liberdade!

Saneemos os fascistas!

Trabalhadores dos CTT: Vigilância nas comunicações!

Trabalhadores da TAP: Vigilância no aeroporto!

Trabalhadores bancários: Vigilância nos bancos!

Trabalhadores dos transportes: Vigilância nas estradas e nos caminhos de ferro!

Vigilância nas fronteiras e nos portos, nas ruas e nos bairros!

Trabalhadores: A nossa luta anticapitalista e antifascista passa neste momento pela organização da vigilância revolucionária.

ABAIXO SPÍNOLA!

MORTE À PIDE! MORTE AO FASCISMO, ABAIXO O CAPITALISMO!

LIBERDADE PARA O POVO, REPRESSÃO SOBRE OS REACIONÁRIOS!

UNIDADE DE ACCÇÃO DAS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS! VIVA A CLASSE OPERÁRIA!

30 de Setembro de 1974

Grupos de vigilância revolucionária



Perante esta lista muito incompleta de traidores e hipocrisias mal disfarçadas, é necessário tornar público o negro passado de Spínola.

Quem se esqueceu do tenente Spínola, combatente nas fileiras de Franco na guerra civil de Espanha? E, depois, como convidado de Hitler, em «missão de estudo» na frente Russa de Leninegrado? Quem se esqueceu da sua «folha de serviços» em Angola, para onde foi, já com 51 anos, como voluntário para a guerra colonialista? Podemos nós esquecer o governador que, ao chegar à Guiné, promete acabar com a guerra em seis meses e, para isso, põe de pé a «táctica do rolo compressor», esmagando as populações indefesas e as áreas libertadas pelo PAIGC, com toneladas de metralha, bombas incendiárias e artilharia pesada? O governador colonial da «política do sorriso e de sangue», como o definia o PAIGC.

Falhada esta repugnante e criminosa tática, organiza, em conjunto com o governo fascista de Lisboa, e a soldo do imperialismo internacional, a malograda invasão da República da Guiné-Conakry, em Novembro de 1970. E por fim, recorrendo aos serviços da PIDE, monta a conspiração que leva ao assassinato de Amílcar Cabral, em 20 de Janeiro de 1973.

Spínola nunca rompeu com este passado. Sempre calçou luvas brancas, mas nunca lavou as mãos.

Nunca o esquecerão os povos das colónias em luta. Desde as tentativas neocolonialistas recusadas frontalmente pelos povos da Guiné-Bissau, de Mocimbeque ao conquistarem a sua independência, às manobras de salvação fascista de Angola, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, desde a cobertura de todos os crimes dos brancos racistas aos conluís imperialistas com Mobutu na ilha do Sal na

que tenta recuperar a derrota sofrida com as lutas de libertação dos povos africanos.

### VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA EM TODA A PARTE

Spínola foi apeado do poder, mas a reacção não desarmará. As camadas mais reaccionárias da burguesia tentarão reagrupar-se sob a sua bandeira. Os imperialistas e a CIA tentarão acções directas em Portugal, de modo a criar condições para um novo golpe, que permita escrivazar os trabalhadores e ajude os imperialistas a consolidar o seu domínio em Angola, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. E, como se provou durante estes dias, não hesitarão em espalhar o terror e fazer correr sangue. Contra a ofensiva da burguesia, só há uma resposta — a vigilância revolucionária e a luta das massas trabalhadoras.

É altura de tirar lição das trações reformistas que, ao desmobilizar as massas populares e ao atacar as suas lutas, abriram o caminho à ofensiva da reacção.

É altura de reafirmar que só a luta e a vigilância das massas podem vencer a reacção. A força, a única força, que é vanguarda na luta antifascista, é a classe operária. Só a luta, a vigilância e a iniciativa das massas populares podem arrastar os elementos progressistas das forças armadas a tomar posições democráticas consequentes, a combater a reacção. Quando cessa a iniciativa e a vigilância das massas, cessa a luta antifascista. Não é o povo que deve estar a reboque do MFA, como querem os reformistas, quando falam da aliança povo-forças armadas. São os trabalhadores que devem tomar nas suas mãos a tarefa de esmagar a

ESCREVE-NOS  
PARA O  
APARTADO  
N.º 4117





# PROBLEMAS DOS CAMPONESES COMICIO EM VEIGA MONTALEGRE

Os camponeses do concelho de Montalegre, conscientes do direito que lhes assiste na recuperação dos seus baldios de que, há longos anos foram usurpados violentamente; de um lado pela Junta de Colonização Interna, de outro lado pelos Serviços Florestais e particularmente os da vila de Montalegre, pelo Posto Experimental, integrados na Associação de Camponeses Livres, criada no mês de Agosto e relativa a todos os camponeses do Distrito de Vila Real, situado nas montanhas e vertentes destas e que têm a sua sede no centro geográfico do Distrito, que é Vila Pouca de Aguiar (sede que está nesse ponto só pelo facto de ser o centro geográfico do Distrito) que tem como idário os fins expostos na «Carta aos Camponeses» do mesmo mês, proveniente dessa sede realizou um comício no lugar da Veiga-Montalegre, de camponeses cuja presença foi de cerca de dois mil.

Ai foram apreciados os problemas mais palpantes e do mais alto interesse dos camponeses, destacando-se entre eles o da entrega imediata de todos os logradouros e baldios, que desde sempre foram pretensa das aldeias do Barroso que serviam de apascentação a grandes manadas de vacas e outros animais que contribuíram largamente para o abastecimento público de carnes cujo grande centro era realmente Montalegre e de que o País inteiro subitamente foi privado. Por outro lado, além da carência de carnes de que o País necessita e que não poderá ressercir-se sem que se dê o retorno dos mesmos às populações. As gentes da região foram forçadas a buscar as vias da emigração para escaparem à fome e à miséria. Essa expolição desumana feita ao povo e aos mais altos interesses da Pátria constitui um dos grandes crimes cometidos pela Junta de Colonização Interna — organismo mais ruinoso do Ministério da Economia no sector agrícola — organismo esse que infelizmente continua a prevalecer, a ser patrocinado e apadrinhado. Mais se exigiu a dissolução do referido organismo, o qual deve prestar contas aos Tribunais do povo e da Revolução.

Abordado o problema Florestal defendeu-se a imperiosa necessidade de todos os camponeses acorrerem à extinção de todo e qualquer fogo na serra pois a floresta é do povo e existe para o povo, tendo esta de ser reestruturada de molde a que os seus lucros sejam pretensa das zonas onde estão instaladas e que tenha por obrigação pôr ao serviço dessas gentes todos os terrenos susceptíveis de serem utilizados no pastoreio de animais, assim como o rendimento das matas, devendo fazer-se a justa distribuição, mais socialista e revolucionária de todas as distribuições. Ao mesmo tempo foi lembrada a carta que foi enviada pela Associação Livre dos Camponeses em Agosto, comunicando-lhe a primeira reunião havida na zona de Montalegre,

desta Associação de Camponeses (além de outras já no Distrito) na qual se saudava o triunfo dos princípios proclamados pelas Gloriosas Forças Armadas e do prosseguimento seguro da grande e histórica revolução do 25 de Abril e da certeza da caminhada que levará ao resgate histórico da Pátria rebaixada e envergonhada pelo fascismo. Nesse telegrama os camponeses colocam-se à disposição como combatentes, para defesa das liberdades e dos objectivos socialistas. Ficou também decidido neste comício num espírito de alta unidade antifascista que se reforce a vigilância contra a reacção do fascismo em toda esta zona, de forma a tornar bem funda a sua tumba: De facto nestes dias, membros da Associação de Camponeses, converteram-se em sentinelas de noite e dia nas estradas e cruzamentos por forma a embarcar qualquer marcha fascista da tal pseudoforça silenciosa de traidores que sob o disfarce de democratas pretendiam tomar o rumo de Lisboa com vista a perturbar e a provocarem a dignidade do povo e a dignidade da Revolução

bem expressa no Governo Provisório da República. Esta vigilância continuará atenta e profunda de modo a deter a marcha dos aventureiros, inimigos do povo os quais sentem que a hora final da sua rapina se abeira a passos largos e que mais nenhuma hora voltarão a ter depois desta.

O povo de Lisboa, os camaradas de Lisboa, o povo revolucionário deste País, o partido socialista, o partido comunista, comunistas da esquerda — todos os combatentes sérios e fiéis ao ideário da Revolução — O GOVERNO PROVISÓRIO DA REPUBLICA, podem e poderão contar com a vida e a Revolução dos Combatentes da Associação Livre de Camponeses de Montalegre que estão prontos à defesa intransigente e corajosa dos mais altos ideais da GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA. E todos aqueles que tentarem atraí-la — e muitos são os traidores — poderão contar com o nosso intransigente combate.

A História guarda dois factos históricos que importa lembrar: a defesa heróica da República no dia 8 de Julho de 1912 em Chaves, que

sozinha e desamparada do resto do País fez baquear a incursão monárquica chefiada por Paiva Couceiro, vinda de Espanha e a defesa de Parada de Cunhos em Vila Real no avanço monárquico vindo de Lisboa sobre Vila Real em 1919 que culminou no esmagamento total da reacção devido à forte dedicação à causa da liberdade e da

República. Foram dois parapeitos históricos, onde as dedicações democráticas e da democracia daquele tempo foram possíveis pela coragem e pelo amor do povo do Norte à liberdade.

Repetir-se-á aqui a mesma histórica cena se necessário for.

A ASSOCIAÇÃO LIVRE DE CAMPONESES DE MONTALEGRE

## REPÚBLICA POPULAR DA CHINA 25.º ANIVERSÁRIO

Os revolucionários do mundo inteiro, os oprimidos do mundo inteiro celebram no dia 1 de Outubro o aniversário da República Popular da China.

O povo chinês celebra neste dia a sua grande arrancada para o Socialismo, depois de dura e prolongada luta contra os inimigos internos e externos do seu país e dos seus interesses.

Sigamos o exemplo do povo chinês, que conduzido pela classe operária e pelo Partido Comunista chinês soube fazer a Revolução no seu país.

Em frente pelo Socialismo.  
Viva o povo chinês em luta.  
Viva o internacionalismo proletário.

## O DISCURSO DO GENERAL SPINOLA

No dia 30 de Setembro o general Spínola profere um discurso em que após fazer uma análise da situação do seu ponto de vista comunica a sua demissão. Justifica o afastamento do Presidente da República devido a deterioração do clima social, económico e político, porque, no seu entender, o programa do Movimento das Forças Armadas não estava a ser cumprido.

Spínola compreende, e confessa-o claramente, que não há qualquer possibilidade de estabelecimento e consolidação de uma democracia burguesa em Portugal. Ele mesmo, apercebe-se de que não pode acautelar eficazmente os interesses do grande capital, a cujos Conselhos de Administração pertenceu e a cujos donos está intimamente ligado.

Como chefe militar e político colonialista; Spínola, ora recorreu às mais variadas manobras demagógicas ora se envolveu em

graves crimes com o objectivo de manter colonizado, oprimido e explorado o povo guineense. Mas este deu-lhe a justa resposta, que se tem vindo a traduzir nas derrotas do colonialismo português.

Refere o general Spínola no seu discurso que o processo de descolonização foi detornado; nós compreendemos perfeitamente o que ele pretende dizer com isto: que os seus projectos neocolonialistas foram deitados por terra pela luta dos povos coloniais e do povo português. Diz Spínola que se estão a realizar reformas de fundo devido a imposições, afirmação que é risível quando feita por um homem que se pretende anti-fascista.

Refere ainda o ex-Presidente da República que a crise e o caos são inevitáveis. Nós também pensamos que sim, mas não para nos lamentarmos, pois a crise e o caos do capitalismo abre o caminho da Revolução Socialista, no caso dos

trabalhadores e revolucionários estarem organizados. Compreende-se que os capitalistas e seus lacaios se mostram desesperados perante tal situação.

Quando diz o senhor general que não pode "trair o povo a que pertence", quer dizer que não se pode esperar que ele vá trair a burguesia donde provém e a quem serve. Quem esperou dele outra coisa deve sofrer grave ilusão.

Também, como os reformistas, insinua confiar o general Spínola nas próximas eleições, com o "voto secreto", como a que vai resolver todos os problemas.

Mas o que se nota ao longo de todo este discurso é um tom que pretende lançar o pânico ao mesmo tempo mobilizar a burguesia e as forças reacçãoárias para o golpe de direita. É o discurso de demagogia, que chama às armas a coisa reacçãoária, que prepara o campo às manobras e mistificações da direita.

REUNIÕES  
DE UNIDADE  
CONTACTOS  
COM P.C E P.S.

Durante a crise que acompanhou a ameaça de golpe fascista, os CICs (Comité para a Independência Imediata e Incondicional das Colónias) abordaram as organizações de esquerda revolucionária no sentido de se estabelecer uma coordenação comum para enfrentar o período que se seguia. Devido a esta iniciativa reuniram-se a LCI, a «Verdade», a AEP (Associação dos Ex-Presos Políticos), as CBS, os CICs, os GAPS e o PRP-BR. A LUAR não compareceu e o MES não pode estar presente porque estava reunido, às mesmas horas, com o P. C. e o P. S. As organizações reunidas montaram um serviço de coordenação e informação, com piquetes permanentes. Prepararam a organização da manifestação de sábado à tarde e resolveram enviar uma delegação às direcções do P. S. e do P. C., para darem parte da sua intenção de resistência e informarem-se do plano seguido por aquelas organizações. Assim procederam por entenderem que se tratavam de partidos anti-fascistas, com os quais interessava estar em contacto perante a ameaça da reacção.

## REVOLUÇÃO



# ANÁLISE POLITICA DA SITUAÇÃO

A crise que o país acaba de atravessar é fruto simultâneo de múltiplos factores e tem de ser interpretada a vários níveis.

## A MAIORIA SILENCIOSA E OS SEUS APOIOS

A campanha da "maioria silenciosa", recorrendo a truques políticos e desenvolvendo grandes meios, está para nós ligada a altas personalidades governamentais, à grande finança e à CIA. O seu desenvolvimento constitui, para além do mais o apalpar de terreno, para experimentar forças e avaliar apoios. É uma manobra e um balão de ensaio. E de observarmos o comportamento da CIA em vários países em todo o mundo, vemos, com preocupação, que isto se enquadra nos seus métodos. O serviço de "Inteligência" e informação do imperialismo tem decerto como um dos seus importantes objectivos encontrar uma saída para Portugal dentro do capitalismo, impedindo com todas as forças o caminho deste país no sentido do socialismo, com as consequências inerentes dada sobretudo a situação geográfica.

As ligações da "maioria silenciosa" com a alta finança são por demais notórias. O uso dos grandes meios, em que se incluem aviones e helicópteros, vem apenas sublinhar que a alta finança está em pânico e disposta a dar tudo por tudo, pois receia que a situação se torne realmente revolucionária.

A burguesia toma estas medidas de emergência, porque sente e observa a imobilidade económica política e social do país, que não permite o estabelecimento e consolidação duma democracia burguesa, onde florescesse um capitalismo moderno, tecnocrático. Impossibilidade de mostrar a sua face "humana"; a burguesia sente-se na necessidade de mostrar claramente a sua outra face - a da repressão violenta e terrorista.

A ligação desta alta burguesia com personalidades governamentais ficou sobejamente demonstrada com o comportamento de Sanches Osório, Galvão de Melo, Firmino Miguel e Spínola.

O comunicado do Governo Provisório lido durante toda a noite de 28 por Sanches Osório não corresponde a qualquer texto escri-

to de acordo com esse Governo. Mas a verdade é que o seu conteúdo - permissão para a manifestação reaccionária, levantamento das barragens, populares - foi decidido, embora sem texto escrito, pelo Governo Provisório. A leitura deste comunicado durante a madrugada de 28 tentou desmobilizar os trabalhadores e revolucionários e foi a expressão da vontade fascista que tentava triunfar.

## FASCISMO DE LUVA BRANCA

Spínola, apoiado pela base de apoio da "maioria silenciosa" tentou até ao fim manter-se no Poder, solucionando a crise com uma terceira via - o fascismo de "luva branca". Não se comprometendo directamente no golpe ultra, Spínola tentou aproveitar o seu apoio político, para fazer uma outra coligação governamental, para proceder a uma viragem mais à direita. Esta foi uma nova tentativa de estabelecimento da linha Palma Carlos. A detenção de Otelo Saraiiva de Carvalho e Vasco Gonçalves em Belém e o facto de Otelo Saraiiva de Carvalho ter ido sob escolta até ao COPCON aparecem como ponto máximo de perigo de viragem à direita na noite de 28.

Mas a direita e a extrema direita tiveram erros de apreciação e perderam a partida. Um dos erros foi o facto da sua posição se pôr automaticamente contra o MFA. E é a direita, pelo seu avanço e pelas suas ameaças que dá uma certa coesão ao MFA. Antes de tudo, os homens do MFA viram que tinham a cabeça a prêmio e foi-lhes necessário para além do mais salvar a vida. Isto é objectivamente um dado a contar. E portanto, sob a ameaça da direita que o MFA se torna mais coeso.

## PRISÕES DE FASCISTAS - DETERMINANTE PARA A CRISE

Mas não foi só isso. Outras medidas foi determinante para a madrugada de 28 - as prisões dos fascistas. Este acto de justiça revolucionária, que fez no íntimo da burguesia, fez pender a balança para a esquerda. Estas prisões, que há muito tinham justificação, foram um acto revolucionário, decerto devido ao sector mais progressista do MFA - pois tudo dá mostras de

não haver uma coerência ideológica no conjunto do Movimento, e de ser necessário distinguir o trigo do joio. O que é que haverá de comum entre Sanches Osório e os homens que efectuarão as prisões? Apenas a história do golpe de 25 de Abril, para qual caminharam sectores diversos, por motivos diversos.

As prisões de fascistas na madrugada de 28 foram determinantes para a resolução da crise e apoiamo-las mas não há que ter ilusões - não chega. Centenas de fascistas, conspirando para manter privilégios, andam nesse país em Lisboa e na provincia. É preciso cortar-lhes o passo.

Digamos hoje sobre o MFA como a 111 de Maio no Manifesto ao Proletariado Português:

"Bastante - diferente é o Movimento das Forças Armadas. Isto porque não é politicamente homogéneo devido à posição de classe dos capitães o que cria contradições no seu seio, deixando prever que a luta de massas poderá

ficar a posição do General Costa Gomes, que apoia o MFA ao que parece para ficar, fazendo, no entanto, o elogio de Spínola.

E perguntamos: Defendem-se os interesses de que classe? O mesmo problema continua a pôr-se em relação a estrutura económico-social, apesar das alterações no poder e no aparelho de Estado.

Continuamos a dizer: não há interesses dos "portugueses", nem interesses do "povo português". Há interesses dos trabalhadores e interesses dos patrões, que são irreconciliáveis. E um estado que é da burguesia, dos patrões, não é dos trabalhadores.

Continuando a conciliar e a ceder, o MFA corre o risco de deixar deteriorar a situação. Pois que a crise que culminou em 28 de Setembro é o resultado da política indefinida em relação às classes e em relação à reacção. No 25 de Abril muitos pides foram presos, mas muitos ficaram cá fora. Uma boa parte da sua rede de informadores ficou intacta. Os

político e viu que não resultava. A próxima vez será rápida, brutal e usará de todos os meios (porque há alguns que ainda não usaram). Hoje mais do que nunca a vigilância tem de ser muito concreta e há que encontrar formas que permitam uma oposição revolucionária ao golpe reaccionário. Essas formas não são só militares mas são também políticas. E é em termos políticos que têm que se pensar.

O país atravessa uma crise económica impossível de resolver dentro do quadro do capitalismo. A direita passará agora à sabotagem. Só a socialização imediata pode resolver os problemas do país.

A socialização imediata dos grandes meios de produção permitiria sustentar a degradação da economia, permitiria uma imediata melhoria das condições de vida, permitiria acabar com os conflitos de trabalho pela simples razão que se acabava com os grandes patrões. Então poderia ser exigido aos trabalhadores que trabalhassem para a colectividade, que evitassem o caos. Por enquanto, mau grado a solução da crise, continuam a trabalhar para os patrões e portanto é justo que continuem a fazer greve, é justo que continuem a exigir aumentos, de salários. Fazendo-o desorganizam a burguesia e organizam-se a eles próprios.

Um Conselho Revolucionário que instituisse imediatas e enérgicas medidas de socialização, que se pusesse claramente ao lado dos trabalhadores, que - acabasse com o jogo eleitoralista, seria a solução imediata ao nível do poder.

Os trabalhadores e a sua organização terão de reflectir sobre a tática do momento. Muitos foram surpreendidos pela crise; muitos dos que se diziam revolucionários fundamentam a sua tática na base da estabilização da situação portuguesa; a realidade concreta não fica à espera que se estruture e solidifique a organização dos trabalhadores. Estes têm que dar uma resposta, tal como estão. Senão serão esmagados.

Nessa tática se concluiu o aproveitamento das novas condições criadas pela actual viragem. Os trabalhadores deverão fazer exigências imediatas, pedir a revogação da lei da greve, da lei de imprensa. Deverão exigir o cumprimento dos cadernos reivindicativos. A organização dos trabalhadores destina-se a melhorar as suas condições de vida e a resolver totalmente a estrutura económica e social e não a construir o Portugal dos patrões.



vir a provocar decisões entre eles, com tomadas de posições progressistas por parte de alguns".

E hoje mais do que nunca é necessário evitar as mistificações: o apoio sem crítica ao MFA é o estabelecimento da confusão é um oportunismo, é a aventura assente numa mistura cega de interesses de classe antagonicos.

Assistimos neste campo a um verdadeiro espectáculo de lisonja ao MFA em que cada partido tenta ficar mais bem visto aos olhos do poder. As barragens e o forçamento de informação às forças armadas, apesar do seu carácter de vigilância extremamente apreciável, formaram-se nas últimas horas num autêntico excesso de zelo, que têm a ver com prestígio e pretensões partidárias.

E também dizemos: como classi-

fascistas de alto coturno continuam em postos de comando.

E sobre tudo ficou intacta a estrutura económico-social e os interesses daqueles que exploram são irreconciliáveis com os dos explorados. Representando esses interesses dos exploradores, altas figuras políticas estiveram desde o início no quadro do poder. Não queremos distinguir entre figuras como Galvão de Melo e os trabalhadores revolucionários, mettendo tudo no saço da "democracia" - da "liberdade" e do "povo português", o MFA pôs em risco as liberdades conquistadas no 25 de Abril e pôs-se em risco a si próprio.

E os problemas que se punham até aqui, continuam a pôr-se. Com a agravante de que a reacção já experimentou este tipo de golpe

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral - 60\$00   
Anual - 120\$00

PAGAMENTO: Em cheque   
Em Vale

APARTADO 4117-LIS.-4

